



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF

VINÍCIUS GODOY SIMÕES

**ANÁLISE DE PADRÕES TÁTICOS OFENSIVOS DA SELEÇÃO BRASILEIRA
DE FUTEBOL: UM COMPARATIVO ENTRE A “ERA DUNGA” E A “ERA
TITE”.**

**BRASÍLIA - DF
2017**



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF

VINÍCIUS GODOY SIMÕES

**ANÁLISE DE PADRÕES TÁTICOS OFENSIVOS DA SELEÇÃO BRASILEIRA
DE FUTEBOL: UM COMPARATIVO ENTRE A “ERA DUNGA” E A “ERA
TITE”.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação Física da Universidade de
Brasília orientado pelo Professor Doutor Leonardo
Lamas.

BRASÍLIA - DF

2017



RESUMO

O presente estudo teve por objetivo utilizar a metodologia de análise de jogo, proposta por Seabra e Dantas (2010) e estendida por Lamas (2012) e Drezner (2014), nos padrões táticos ofensivos da Seleção Brasileira de Futebol e traçar um paralelo entre o aproveitamento dos dois últimos treinadores que estiveram no comando da equipe: Dunga e Tite. Foram coletadas 583 posses em um período de 22 jogos, sendo 10 partidas com o Comando de Dunga e 12 com o comando de Tite. A coleta foi realizada em planilhas do Excel 2013, utilizando-se de imagens retiradas da internet. Foram analisadas 4 variáveis na intenção de discriminar diferenças que ajudem a entender a variação de aproveitamento entre os treinadores em um período similar (Dunga: 50% e Tite 88%). Foram utilizadas duas estratégias para a divisão do espaço de jogo – Espaço de Ocupação Defensiva (EOD) e Espaço de Jogo Efetivo (EJE) –, além da lista de ações divididas em ações de início, progressão e término. Dentre os resultados encontrados, a seleção de Tite apresentou resultados melhores em quase todas as variáveis estudadas, com destaque na relação entre número de posses e criação de finalizações, com superioridade de 16% à média apresentada pela seleção de Dunga. Em relação à utilização das zonas do EOD para circulação da posse, a equipe de Dunga apresentou ligeira preferência pela utilização das zonas periféricas, principalmente nos últimos setores do campo (“pD” e “pB”). Já a seleção de Tite apresentou maior equilíbrio de ações entre os corredores laterais e centrais, com maior utilização da região central principalmente quando em confronto com a última linha defesa adversária ou nas situações de profundidade (bola recebida por trás da defesa). Além disso, a seleção de Tite apresentou maior utilização da zona 4C do EJE, zona que apresenta maior grau de perigo à meta adversária. Por fim, conclui-se que a metodologia utilizada no estudo foi altamente satisfatória a fim de identificar os padrões táticos utilizados pelos dois treinadores e sua direta relação com o sucesso ou fracasso dentro do confronto, ressaltando que há, ainda, uma alta quantidade de variáveis a serem exploradas em trabalhos posteriores, empregando-se da mesma metodologia apresentada.

Palavras-chave: futebol, padrões táticos, análise de desempenho, espaço de ocupação defensiva, espaço de jogo efetivo, padrões ofensivos.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. MÉTODOS.....	9
2.1. Estrutura de observação	9
3. AMOSTRA.....	11
3.1. Análise de Dados	11
4. RESULTADOS	12
4.1. Número de posses totais analisadas por jogo	12
4.2. Número de posses convertidas em finalização	13
4.3. Proporção da circulação da bola dentro das zonas do EOD	14
4.4. Relação entre circulação da posse e chegada na zona 4C do EJE.....	15
5. DISCUSSÃO	15
REFERÊNCIAS.....	21



LISTA DE FIGURAS

Figura 1: EJE (espaço de jogo efetivo)	9
Figura 2: EOD (espaço de ocupação defensiva).....	10
Figura 3: Gráfico de posses totais analisadas.....	12
Figura 4: Gráfico referente a relação total de posses analisadas por jogo com a quantidade de posses que resultaram em situação de finalização.	13
Figura 5: Gráfico referente a porcentagem total de circulação da bola em cada zona do EOD dentro dos dois períodos analisados: a era Dunga e era Tite....	14
Figura 6: Gráfico referente a porcentagem de ações realizadas na zona “4C” do espaço de jogo efetivo em relação a quantidade total de ações analisadas por jogo.	15



1. INTRODUÇÃO

O futebol é caracterizado por ser um esporte coletivo de invasão e confronto, com alto grau de imprevisibilidade e interação entre as duas equipes, possuindo uma diversidade gigantesca de ações.

Dessa maneira, os atletas são os principais responsáveis pela modulação do jogo, por meio das relações com jogadores da mesma equipe (buscando o equilíbrio e o sucesso tanto na parte defensiva quanto na ofensiva) e da equipe adversária (na tentativa de gerar instabilidade, principalmente no sistema defensivo). Questões técnicas e táticas são de extrema importância dentro da sistemática do jogo, além, é claro, da velocidade de raciocínio e tomada de decisão dos atletas. Essa soma de fatores bem executada pode ser fundamental na perspectiva de obter sucesso ou não dentro do confronto.

No que condiz a dinâmica do jogo, o duelo provoca bastante oscilação de equilíbrio entre as equipes, com constantes alternâncias de vantagem entre elas, sem uma ordem definida. Esse comportamento de alternância de estabilidade entre as equipes e não-linearidade da evolução do jogo motivou muitos pesquisadores a classificarem o jogo de futebol como um sistema dinâmico não linear (GARGANTA, 2006; REED, HUGHES, 2006; HUGHES et al., 1998; MCGARRY et al, 2002). Assim sendo, entende-se que o futebol representa uma categoria de sistemas instáveis, que sofrem constantes mudanças irregulares ao longo do tempo entre suas ações e que não pode ser determinado apenas pela análise de seus elementos. Trata-se de uma imprevisibilidade tremenda, fator esse que tem ligação direta com a ideia do futebol como paixão nacional.

O futebol, principalmente nos dias de hoje, é tido cada vez mais como uma mercadoria de altíssimo valor e, principalmente, infinitas possibilidades de investimento e retorno. Dentro dessa lógica, os investimentos ao redor da modalidade são cada vez maiores, facilmente observáveis a partir de um pequeno comparativo com décadas passadas.

Em um movimento continuamente crescente, o futebol vem sendo objeto de análises e estudos, acompanhando a tendência que abarca praticamente tudo ao nosso redor: a inovação. Dessa forma, também o futebol vem sofrendo mudanças com o propósito de evoluir, criando uma demanda por novas tecnologias que consigam traduzir a análise teórica do passado em avanços



alcançáveis em um futuro próximo, ou seja, faz-se necessária uma ferramenta de análise que seja compatível com a concepção de futebol apresentada, para que os resultados tenham, de fato, relevância.

Ao longo dos anos, diversos estudos foram feitos, porém, com pequena inovação e variedade estratégica, utilizando em grande parte dos mesmos indicadores de desempenho. Portanto, continua sendo um dos maiores desafios no campo da análise de jogo a identificação de padrões que melhor expliquem o desempenho da equipe (DUTT-MAZUMDER et al., 2011). Por meio da análise de desempenho é possível compreender um pouco mais sobre a sua equipe, a equipe adversária, o êxito ou fracasso de suas ações ofensivas e defensivas, o rendimento individual de cada atleta, dentre outros fatores.

O processo de treinamento, que cada vez mais vem evoluindo, também pode sofrer influência direta da análise de desempenho, uma vez que para seja possível maximizar os pontos fortes de uma equipe e buscar neutralizar os pontos fortes da equipe adversária precisa-se, primeiramente, identificar tais pontos e, num segundo momento, planejar intervenções.

A análise de jogo no futebol é necessária para o entendimento das ações referentes à dinâmica desse esporte, assim como para auxiliar no planejamento das atividades de treino ou de ensino-aprendizagem (CARLING et. al., 2005). No futebol moderno, o setor de análise de desempenho se faz tão presente como a preparação física, o departamento médico, a fisiologia e os diversos outros grupos que já existem no futebol a longa data.

Questões físicas e táticas passaram a possuir tanta relevância quanto as questões técnicas, que outrora já foram sobressalentes no conceito desportivo. Muito se ouve dizer que o futebol é cada dia mais tático e físico. A técnica é, sem dúvida, fator primordial ao jogo e por meio dela pode-se, por exemplo, identificar os jogadores diferenciados, tidos como craques. Todavia, os aspectos táticos se mostram cada vez mais primordiais dentro de um planejamento a longo prazo para que as equipes consigam alcançar o sucesso. Muitos são os exemplos de equipes que, mesmo consideradas inferiores tecnicamente, foram capazes de superar adversários tidos como favoritos e até mesmo alcançarem conquistas e títulos que pareciam improváveis, com muita aplicação tática e significativo comprometimento ao esquema de jogo proposto por seus treinadores. Esse, por



sua vez, advém de estudos e observações da própria equipe e de seus adversários. Dessa forma, fica fortemente evidenciado que a análise de desempenho é uma área que está em constante crescimento e, principalmente, possui enorme valor dentro da dinâmica que permeia o jogo.

Recentemente, alguns estudos buscaram a criação de novas estratégias de análise do jogo, que fossem capazes de verdadeiramente entender o que ocorre dentro de um sistema não linear tão complexo como o futebol. Dentre eles pode-se destacar as metodologias de SEABRA (2010), LAMAS (2012) e DREZNER (2014), sendo que esse último buscou a unificação dos dois modelos anteriormente propostos, utilizando os pontos fortes de cada um para a elaboração de um modelo formal de descrição do jogo de futebol com base na organização de um sistema dinâmico não linear a partir de uma linguagem categórica, com formalização de classes de dinâmicas.

SEABRA (2006) buscou utilizar uma nova definição de espaço de jogo, a qual baseia-se na disposição defensiva da equipe adversária. Tal definição ficou conhecida como EOD (espaço de ocupação defensiva). Em diversos estudos são utilizadas divisões geométricas pré-estabelecidas do espaço de jogo. Um grande número de divisões do espaço de jogo pode ser observado em diferentes estudos (CASTELO, 1999; GARGANTA et al.; 1995; HUGHES et al., 1988; MOMBAERTS 1996), contudo, trata-se de uma estratégia que não se diz totalmente coerente com as características espaciais do jogo, levando em consideração que o mesmo é dinâmico, informal e constantemente alterado. Duas posses de bola no mesmo local podem caracterizar situações de oposição totalmente diferentes, levando em consideração a disposição tática da equipe adversária, a quantidade de jogadores próximos ao portador da bola, se o mesmo sofre ou não pressão de seus marcadores, entre outros fatores.

Fica evidente que um modelo de análise verdadeiramente eficiente deve sim ter o aparato da divisão do espaço de jogo através da caracterização geométrica simples, como forma de referência, contudo uma definição mais complexa e dinâmica, que leve em consideração a disposição espacial da equipe adversária é de extrema valia dentro do contexto apresentado.

Dessa forma, no presente estudo temos por objetivo analisar os padrões táticos da seleção brasileira de futebol em suas últimas 22 partidas oficiais,



utilizando da metodologia proveniente de SEABRA (2006), LAMAS (2012) e DREZNER (2014), realizando um comparativo entre os dois treinadores que comandaram a equipe durante tal período, a fim de identificar possíveis semelhanças e diferenças no estilo de jogo e nos padrões táticos observados nesses dois momentos.

2. MÉTODOS

2.1. Estrutura de observação

Para se entender a metodologia utilizada na análise é necessária a compreensão prévia da divisão adotada do espaço de jogo. Foram utilizadas duas formas de divisão, da mesma maneira realizada por FERRER (2015), sendo elas o EJE (espaço de jogo efetivo), proposto por GRÉHAIGNE (1992), e o EOD (espaço de ocupação defensiva), proposto por SEABRA e DANTAS (2010).

O espaço de jogo efetivo busca dividir o campo em 4 zonas no sentido vertical, subdivididas em central e laterais no sentido horizontal (centro, direita e esquerda).

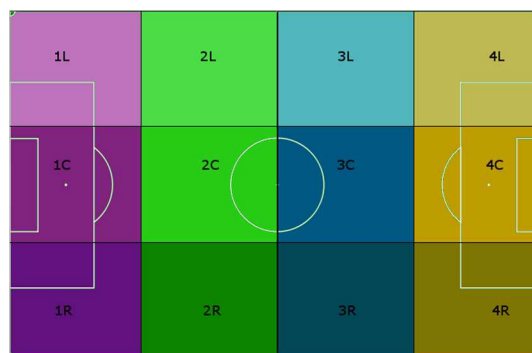


Figura 1: EJE (espaço de jogo efetivo)

Já o espaço de ocupação defensiva define as zonas de jogo em áreas de defesa de acordo com a disposição tática da equipe adversária. Essa concepção divide o campo em duas áreas principais, sendo elas central ou periférica de acordo com a posição dos jogadores de defesa. Além disso, no outro eixo, o



campo é fragmentado em F (frontal), M (meio de campo), D (defesa) e B (por trás).

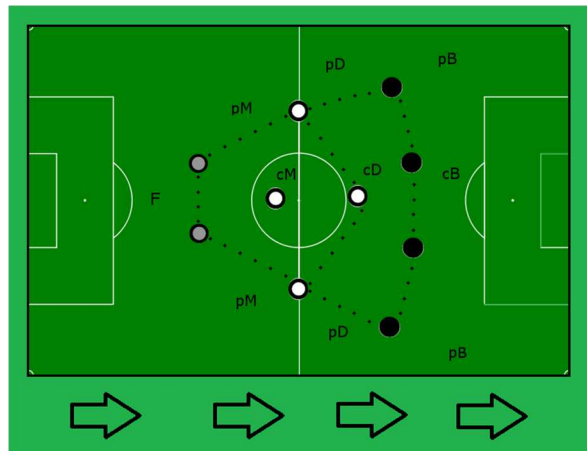


Figura 2: EOD (espaço de ocupação defensiva)

Há, ainda, outras definições importantes a serem tratadas. O espaço oposto ao setor frontal é chamado de zona “F”; o espaço entre o setor de frente e o setor de meio campo, de zona “M”; o espaço entre o setor de meio-campo e o setor defensivo, de zona “D”; e o espaço entre o setor defensivo e a linha de fundo, de zona “B”.

Como dito anteriormente, essas zonas são subdivididas em centrais ou periféricas, resultando assim nas zonas: “cF”, “pF”, “cM”, “pM”, “cD”, “pD”, “cB” e “pB”. Devido à baixa frequência de ações de efetivo perigo na zona F, foi decidido agrupar as zonas centrais e periféricas dessa região, transformando apenas em zona “F”.

As variáveis de ações representam as ações técnicas realizadas pelos atletas durante as construções de jogadas, sendo classificadas em ações de início, ações de progressão e ações de término.

- Ações de início: escanteio, desarme, bola ao chão, falta, lateral, tiro de meta, defesa do goleiro, falta indireta, interceptação, pênalti, recuperação e início de jogo. Essas são as ações que indicam o início da posse analisada.
- Ações de progressão: Cruzamento, condução início, condução fim, cabeceio ao gol, passe, domínio e chute ao gol. Essas são as ações que indicam a continuidade/progressão da posse analisada.



- Ações de Término: Escanteio, bloqueio defensivo, lateral, recuo defensivo, desarme, fim do tempo, falta, gol, tiro de meta, defesa do goleiro, bola na trave, desarme incompleto, interceptação incompleta, interceptação, falta de ataque, impedimento, gol contra e pênalti. Essas são as ações que indicam o término da posse analisada.

3. AMOSTRA

A análise foi composta de 22 partidas oficiais da seleção brasileira de futebol, correspondentes ao período da Copa América de 2015 e das Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo de 2018. Dessas, 10 correspondem à “Era Dunga” e 12 à “Era Tite”.

Ao todo, foram analisadas 583 posses de bola, sendo 293 na “Era Dunga” e 290 na “Era Tite”.

3.1. Análise de Dados

A análise dos dados foi feita por um único observador. O analista recebeu instruções prévias acerca do procedimento e realizou uma análise-teste para fins de adaptação do primeiro tempo do jogo Real Madrid x Getafe – 16/04/2016.

O observador foi instruído a pausar o vídeo no exato momento em que os jogadores entram em contato com a bola, para poder indicar com segurança a zona em que a ação ocorre.

As filmagens utilizadas foram retiradas da internet e as ações que apresentassem dificuldades à coleta (imagem muito próxima, nível do campo ou *replays*) foram desconsideradas. Dentro das coletas realizadas, foram retiradas posteriormente as seguintes informações:

- 1) **Número de posses por jogo (que entraram no critério de inclusão):** dado que busca quantificar as ações ofensivas que chegaram à zona demarcada – nesse caso a zona 4 do EJE – ou criaram situações de finalização ou cruzamento;
- 2) **Proporção de zonas do EOD em cada período analisado:** dado que busca quantificar a participação dos atletas em posse da bola em cada



zona do EOD no momento ofensivo, ou seja, na construção das jogadas, sendo avaliados dentro dos dois períodos analisados;

- 3) **Relação entre número de posses analisadas e posses que foram convertidas em situação de finalização:** dado que busca quantificar as ações que foram convertidas em finalização, logo, apresentaram maior perigo à meta adversária e maior possibilidade de êxito no confronto (marcar o gol);
- 4) **Relação entre circulação da posse e chegada na zona 4C do Espaço de Jogo Efetivo:** dado que busca quantificar as posses que atingiram a zona de maior perigo dentro do espaço de jogo efetivo, ou seja, 4C (último quarto do campo, pelo corredor central).

4. RESULTADOS

4.1. Número de posses totais analisadas por jogo

Dentro do período analisado, a seleção sob o comando de Dunga apresentou um total de 293 posses analisadas em 10 jogos, ou seja, uma média de aproximadamente 29 posses por jogo.

Já a seleção de Tite apresentou 290 posses em um período de 12 jogos, totalizando uma média de, aproximadamente, 24 posses por jogo.

Vale ainda ressaltar que situações de bola parada (faltas e escanteios) também foram incluídas como posse, mesmo que apresentassem curta duração.

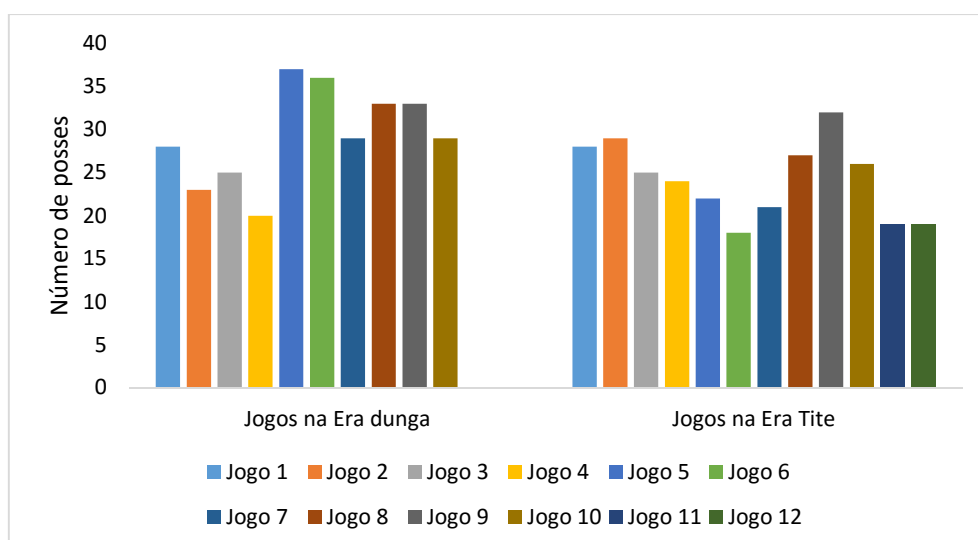


Figura 3: Gráfico de posses totais analisadas.



4.2. Número de posses convertidas em finalização

No que condiz a relação entre o total de posses analisadas e a quantidade das posses que geraram situações de finalização, a seleção de Dunga apresentou média de 40,6%, com um desvio padrão de 15%. Já a seleção comandada por Tite apresentou média de 56%, com desvio padrão de 11%.

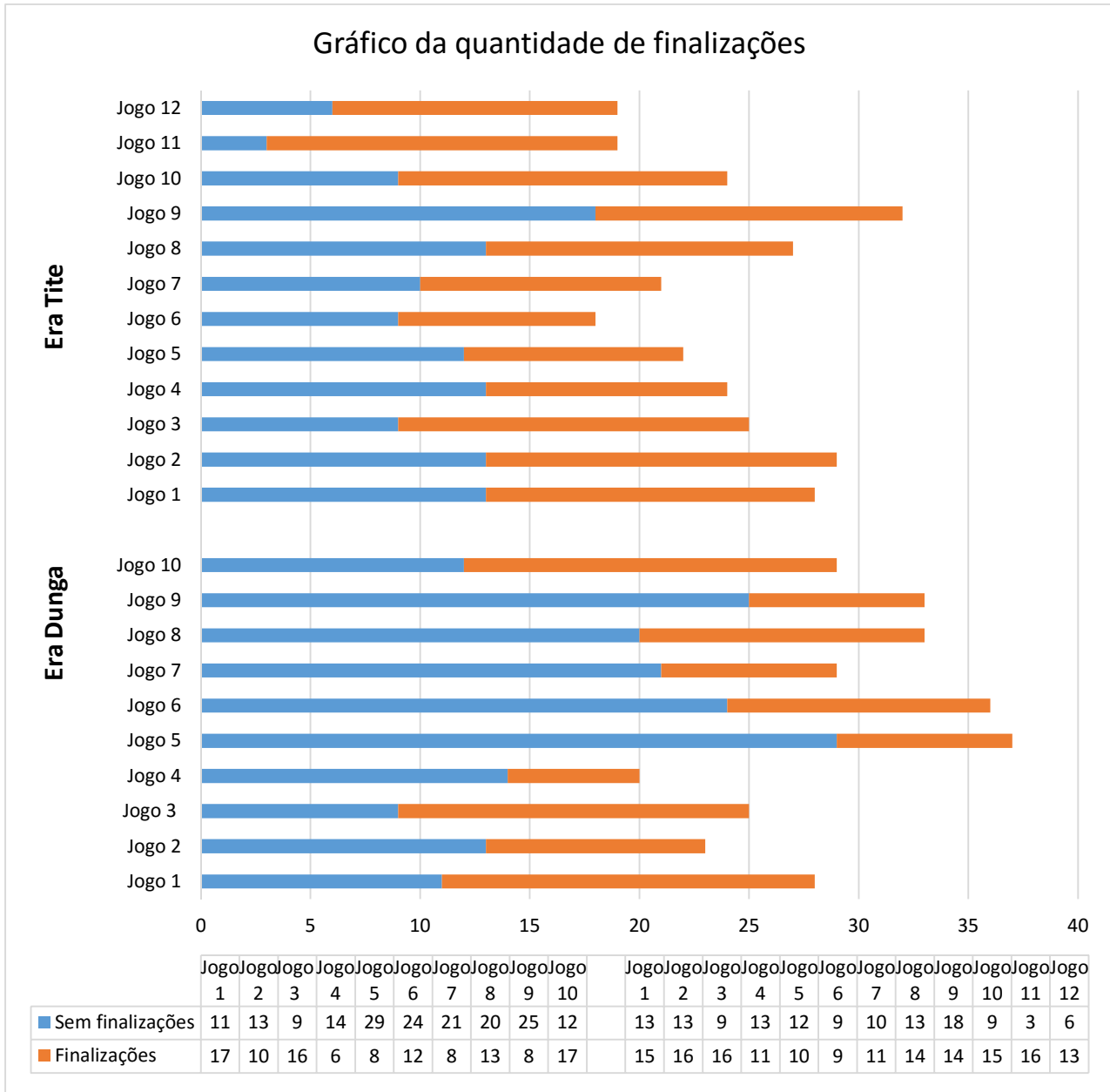


Figura 4: Gráfico referente a relação total de posses analisadas por jogo com a quantidade de posses que resultaram em situação de finalização.



4.3. Proporção da circulação da bola dentro das zonas do EOD

Analisando a porcentagem de circulação da bola dentro de cada zona do EOD, obteve-se os seguintes resultados: a seleção sob o comando de Dunga apresentou 17,74% das ações dentro da zona “F”, 19,73% na zona “pM”, 34,00% na zona “cM”, 15,82% na zona “pD”, 10,76% na zona “cD”, 0,68% na zona “cB” e 1,28% na zona “pB”. Já a seleção sob o comando de Tite apresentou 20,64% das ações dentro da zona “F”, 18,61% na zona “pM”, 32,37% na zona “cM”, 12,50% na zona “pD”, 13,37% na zona “cD”, 1,15% na zona “cB” e 1,36% na zona “pB”.

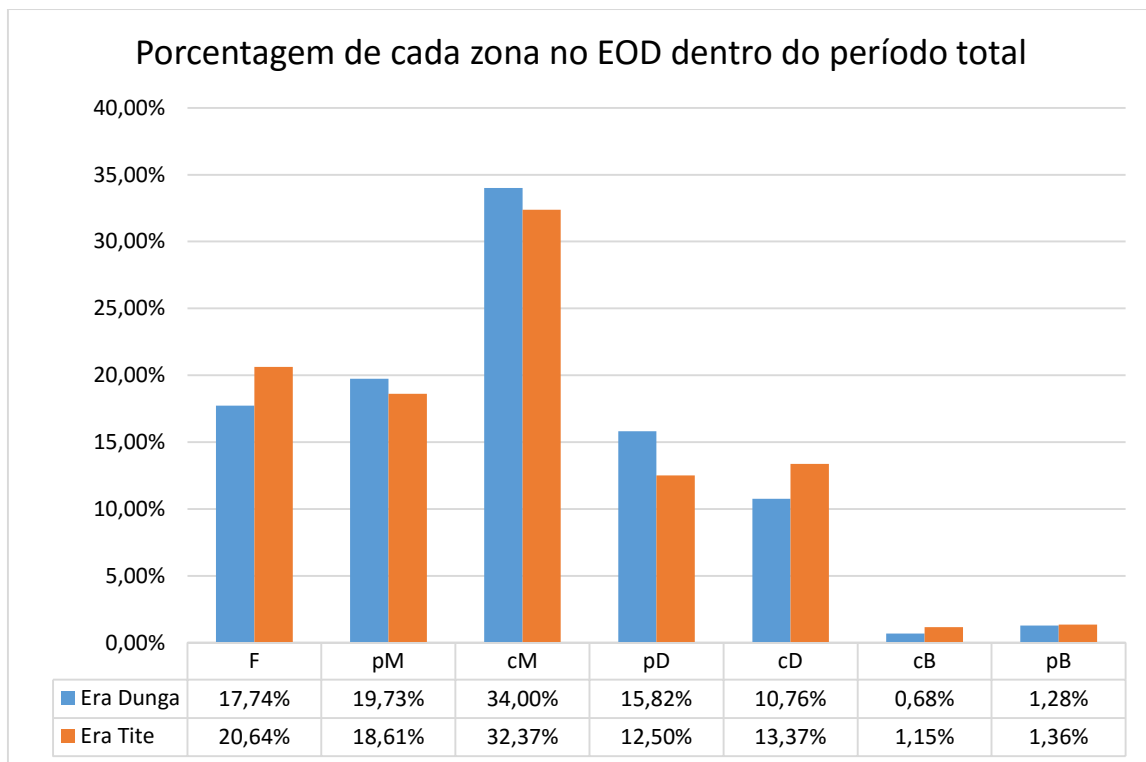


Figura 5: Gráfico referente a porcentagem total de circulação da bola em cada zona do EOD dentro dos dois períodos analisados: a era Dunga e era Tite



4.4. Relação entre circulação da posse e chegada na zona 4C do EJE

No último dado coletado, foi mensurada a relação entre o total de ações analisadas e quantas delas se deram em zona 4C do espaço de jogo efetivo, zona essa que apresenta maior relação de perigo à meta adversária.

A seleção de Dunga apresentou número inferior a de Tite em quase todas as partidas, totalizando uma média de 7,6%. Já a seleção de Tite apresentou um percentual médio de 12,2% por partida.

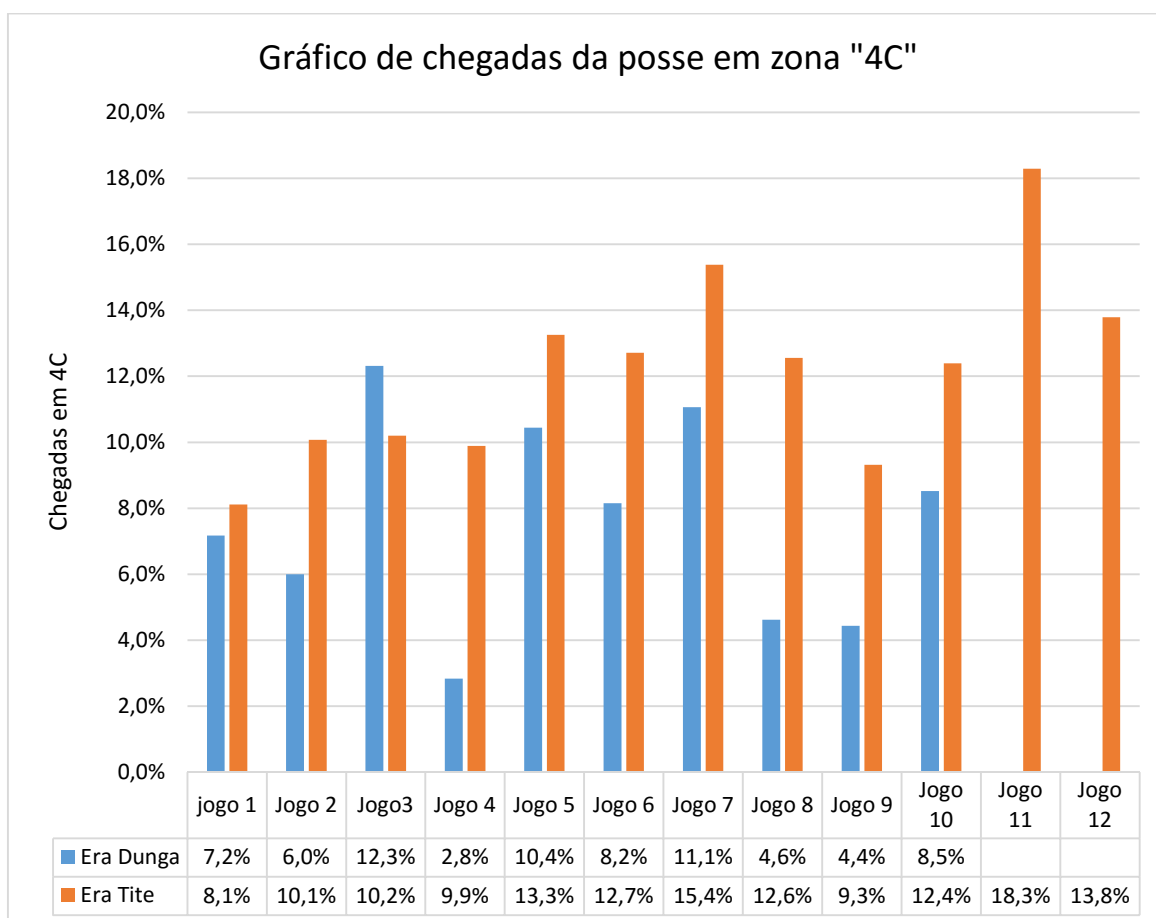


Figura 6: Gráfico referente a porcentagem de ações realizadas na zona "4C" do espaço de jogo efetivo em relação a quantidade total de ações analisadas por jogo.

5. DISCUSSÃO

Após a análise dos resultados apresentados, pode-se destacar alguns resultados dentre os obtidos. A quantidade média de posses por jogo que



entraram no processo de inclusão (zona 4 do EJE ou situação de cruzamento/finalização) apresentou uma pequena diferença entre os períodos analisados. A seleção de Dunga apresentou, em média, 5 posses a mais por jogo do que a de Tite. Contudo, ao traçarmos um paralelo com o aproveitamento de cada treinador percebe-se que a seleção sobre o comando de Tite apresentou um grau de efetividade e sucesso maior nas jogadas, levando em consideração que mesmo com um número relativamente maior de posses o aproveitamento de Dunga, durante o período avaliado, foi de 50%, enquanto Tite apresentou aproveitamento de 88% em seu período à frente da Seleção Brasileira.

Tal dado evidencia que mesmo com um número de posses iguais ou até superior, o que irá determinar ou não o sucesso é a qualidade com que essa bola é trabalhada e a produtividade de sua circulação, principalmente nos setores finais do campo, as chamadas zonas de definição.

Vale ainda ressaltar que, na atual análise, situações de bola parada foram incluídas como posse, uma vez que, em sua grande maioria, as mesmas geram situações de cruzamento ou finalização. Assim sendo, tal superioridade apresentada no número de posses da seleção de Dunga pode ser proveniente das bolas paradas, que não necessariamente se caracterizam como chances claras de gol. É um dado que pode ser melhor avaliado e utilizado em futuros estudos.

Já na análise de posses que geraram finalização foi possível perceber uma superioridade significativa da seleção de Tite. Um percentual médio de 56% das posses observadas geraram situações de finalização, enquanto a seleção sobre o comando de Dunga apresentou percentual médio de 40%.

A circulação de bola tem por objetivo a desestabilização do sistema defensivo adversário, o que por sua vez irá facilitar o processo de criação e construção de situações de finalização. A finalização por si só também não pode ser entendida como chance clara de gol, uma vez que dependendo da distância, da presença ou não de defensores entre a bola e a baliza e da existência de pressão ao portador da bola, duas oportunidades de finalização no mesmo setor do campo podem apresentar grau de perigo à meta adversária totalmente distintos.



Contudo, trata-se de um bom indicador no sentido de avaliar se a construção de jogadas está conseguindo atingir o seu objetivo parcial, a finalização, que por sua vez irá propiciar o alcance do objetivo final, o gol.

No nível do alto rendimento uma diferença de 16% a mais de situações de finalização por jogo reflete diretamente no êxito dentro do confronto, traçando relação direta com a grande diferença de aproveitamento dos treinadores em questão. Ainda no que condiz a esse dado, o desvio padrão apresentado pela seleção de Tite foi menor, o que remete à ideia de maior consistência dentro do período avaliado, situação de extrema importância dentro do ambiente do futebol, principalmente em competições a longo prazo, uma vez que se destaca a equipe que apresentar maior regularidade positiva.

O terceiro dado avaliado foi a proporção de circulação da bola dentro das zonas do EOD durante os dois períodos avaliados. Nessa parte os resultados obtidos foram bem parelhos, com algumas pequenas diferenças que, mesmo em pequena proporção, podem ajudar a compreender um pouco melhor a forma de jogar da equipe.

A seleção de Dunga apresentou preferência pela utilização da zona periférica quando em confronto com a última linha de defesa do adversário (pD), com percentual de 15,8% de circulação da posse nesse setor. No que condiz a circulação da bola pelo centro nesse mesmo setor (cD), o valor cai para 10,7%. Ainda que relativamente pequena, uma diferença de 5% pode ser decisiva para o sucesso no confronto quando se trabalha dentro do ambiente de alto rendimento.

Observando-se tais resultados, infere-se que a seleção de Dunga tinha preferência pela utilização dos corredores laterais ao chegar na zona de defesa adversária, o que, por sua vez, pode estar diretamente ligada à utilização do jogo aéreo, proveniente de cruzamentos na zona pD, ou ainda à dificuldade de circular a bola com êxito pelo corredor central do campo, onde a pressão ao portador da bola é maior.

Já a seleção de Tite apresentou maior equilíbrio de ações entre as zonas periférica e central quando em confronto com a última linha de defesa adversária. A circulação da bola em pD apresentou um percentual médio de 12,5%, enquanto a circulação na zona cD apresentou percentual de 13,3%.



Mesmo que muito pequena, a seleção de Dunga apresentou predominância de utilização do corredor central em relação ao periférico dentro da zona de defesa adversária. Novamente traçando um paralelo com o fator aproveitamento (que foi maior na “Era Tite”), a circulação da bola pela faixa central da defesa adversária faz com que, na grande maioria dos casos, a posse esteja mais próxima do gol adversário, logo, numa possível situação de finalização as probabilidades de êxito, conseqüentemente marcar o gol, aumentam.

No que condiz a zona “M” (meio de campo) os valores foram muito semelhantes, tanto para periferia (19,7% com Dunga e 18,6% com Tite) quanto para o centro (34% com Dunga e 32,3% com Tite).

Já na zona “F” os valores encontrados foram de 17,7% com Dunga e 20,6% com Tite, contudo se trata de um valor que não diz muito acerca da conclusão das posses, uma vez que o número de situações claras de gol ou perigo à meta adversária dadas em zona “F” é extremamente baixo. Conseqüentemente as zonas periférica e central são somadas e entendidas como uma só dentro desse setor.

O último dado analisado foi a relação entre a circulação da posse e a chegada na zona 4C do EJE. Tal dado foi coletado partindo da ideia de que, dentro do espaço de jogo efetivo, essa zona é a que apresenta maior perigo, uma vez que está localizada no último setor do campo, pela faixa central, no ponto de maior proximidade a baliza adversária.

Assim sendo, foi quantificado o total de ações que se deram dentro dessa zona e sua relação com o total de ações realizadas em cada jogo. Novamente a seleção de Tite apresentou resultado superior à de Dunga: a média durante a “Era Dunga” foi de 7,6%, enquanto a “Era Tite” apresentou média de 12,2%.

Por jogo, a seleção de Tite era capaz de circular com êxito a bola pela zona 4C aproximadamente 5% a mais que a seleção de Dunga, fator esse que pode ser decisivo, uma vez que ao tratarmos da zona 4C, a maioria das finalizações realizadas caracterizam situação de real perigo à meta adversária. Além disso, geralmente essa faixa do campo apresenta maior área de pressão, levando em consideração que o portador da bola na maioria das vezes se encontra entre as duas linhas de defesa adversárias, logo, pode sofrer pressão



advinda desses dois setores, fazendo com que sua velocidade de raciocínio e tomada de decisão tenha de ser ainda mais veloz.

A equipe que apresenta maior sucesso nessa área do campo, muito provavelmente possui maior circulação de bola, maior opções de triangulação e jogo apoiado e, conseqüentemente, maior êxito dentro do confronto. Não à toa os dados condizem com o aproveitamento amplamente superior de Tite à frente da seleção brasileira.

Diversos outros dados e informações podem ser extraídos das coletas realizadas, deixando assim em aberto a possibilidade de estudos posteriores que busquem dar seqüência e evolução à linha de raciocínio apresentada neste trabalho. De toda forma, somente com esses quatro dados utilizados foi possível ter um entendimento amplo sobre a forma de jogar da mesma equipe nos dois momento distintos avaliados e, principalmente, a identificação de diferenças que ajudem a compreender como uma mesma equipe, composta por jogadores semelhantes (levando em consideração as diferentes convocações realizadas por ambos os treinadores) pode apresentar resultados tão discrepantes num curto período de tempo.

A metodologia utilizada se mostrou, assim como em FERRER (2015), extremamente eficiente nesse sentido, fazendo com que fosse possível a extração de diversas variáveis auxiliaadoras no entendimento dos padrões táticos observados e na efetividade da circulação da bola no que concerne ao sucesso dentro do confronto.

Vale ainda ressaltar que diversas possibilidades que não foram exploradas no presente estudo podem auxiliar ainda mais a compreensão do jogo dentro de sua lógica tão complexa e dinâmica, valendo-se de um maior tempo de aplicação e produção para tal trabalho.

A utilização de duas divisões espaciais, sendo uma estática e outra dinâmica (EJE e EOD) contemplou de maneira totalmente satisfatória o problema de pesquisa aqui apresentado, demonstrando-se muito eficiente dentro de sua proposta.

Por fim, foi possível concluir que o processo de análise de desempenho foi altamente satisfatório para a realização deste comparativo e vai além, demonstrando sua importância dentro do cenário desportivo, principalmente o



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF

profissional, tanto para o entendimento tático das equipes como para servir de ferramenta auxiliadora no momento de periodização, planejamento de intervenções e definição de modelos de jogo a serem utilizados.



REFERÊNCIAS

DREZNER, R. Analysis of football game by categorical dynamic systems, **Physical Education and Sport Colleges of the University of São Paulo**, São Paulo, Brazil, 2014.

SEABRA, F. Space definition for match analysis in soccer, **Physical Education and Sport Colleges of the University of São Paulo**, São Paulo, Brazil, 2004.

HUGHES, M. e BARTLETT, R.G. The use of performance indicators in performance analysis, **Journal of Sports Sciences**, 2002.

GRÉHAIGNE, J. The organization of the game in football, **Inde Publicaciones**, Barcelona, Spain, 2001.

McGARRY, T. Applied and theoretical perspectives of performance analysis in sport: **Scientific issues and challenges**, **International Journal of Performance Analysis in Sport**, Volume 9, Fredericton, Canada, 2009.

CARLING C, Williams AM, Reilly T. Handbook of Soccer Match Analysis. New York: Routledge; 2005.

SANTOS, R; MORAES, E. e TEOLDO, I. O status da partida e a amplitude de circulação da bola da seleção espanhola de futebol na Copa do Mundo Fifa® 2010. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte [online]**. 2016, vol.38, n.4.

DUTT-MAZUMDER A, Button C, Robins A, Bartlett R. Neural network modelling and dynamical system theory: are they relevant to study the governing dynamics of association football players? **Sports Med**. 2011.